

Citibank quer derrubar política de Funaro

Arquivo — 5/2/87

Roberto Garcia
Correspondente

Miami — Considerando que a política adotada pelo ministro Dilson Funaro em relação à dívida externa representa atualmente a maior ameaça aos grandes bancos privados estrangeiros credores do Brasil, o maior desses bancos resolveu semanas atrás mobilizar todos os recursos a sua disposição para desmontar essa ameaça, afirmaram fontes do governo americano. John Reed, o presidente do Citibank, decidiu liderar pessoalmente esse esforço, acrescentaram as mesmas fontes.

A iniciativa do Citibank é vista com preocupação tanto por alguns funcionários do governo americano quanto por outros bancos credores do Brasil no exterior, tendo em vista o potencial de confrontação direta que ela implica com o Brasil, de politização da disputa e de despertar uma reação nacionalista antiamericana.

— Muitos de nós achamos que a posição adotada por Funaro não tem futuro político no Brasil e que os dias do atual ministro da Fazenda estão contados. Por causa disso seria melhor dar tempo para que ele caia sozinho em vez de tentar articular de fora sua derrubada — disse outra fonte.

A campanha de Reed é vista também como uma forma de novo presidente do Citibank dar sua resposta às pressões que o departamento do Tesouro vem exercendo sobre os bancos americanos a fim de apaziguar as nações devedoras com prazos cada vez maiores para o pagamento da dívida e margens de lucro mais reduzidas.

Muitos banqueiros que vêm participando das negociações de reescalonamento da dívida latino-americana desde 1982 acham que os grandes bancos têm agora condições de agüentar uma confrontação com uma das principais nações devedoras tendo em vista o maior capital e as reservas que essas instituições privadas de crédito acumularam nos últimos anos. A maior parte deles, contudo, acha que os bancos devem ser extremamente cautelosos em suas negociações com governos latino-americanos, evitando personalização de disputas.

Se isso virar briga entre Reed e Funaro poderemos perder essa parada — disse o vice-



Reed não aceita a moratória

presidente de outro grande credor americano do Brasil. Desde o início da crise da dívida, os bancos têm tentado evitar essa personalização, coordenando sua estratégia por meio de comitês cujos membros evitam publicidade pessoal.

O único banqueiro que não entendeu as regras não escritas desse jogo foi Antônio Gebauer. Mas ele foi afastado da coordenação do comitê de negociação da dívida brasileira tão logo se deixou fotografar para a capa de uma revista brasileira — lembrou outra fonte.

Um sinal de disposição do Citibank, “partir para a briga contra Funaro”, teria sido a participação de um de seus representantes numa reunião de empresários com o presidente Sarney no fim de semana passada, onde foram feitas pesadas críticas ao ministro da Fazenda e sua demissão teria sido claramente sugerida.

Esse é o tipo de manifestação que brasileiros podem fazer impunemente mas da qual nenhum banco estrangeiro deveria participar. Isso pode sair pela culatra e todos os bancos estrangeiros podem sofrer — disse um banqueiro concorrente do Citibank.